
CARTILHA ANTIRRACISTA: FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA EM ESCOLAS DO CEARÁ

CARTILLA ANTIRRACISTA: UNA HERRAMIENTA PEDAGÓGICA PARA
LA CONSTRUCCIÓN DE UNA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA EN LAS
ESCUELAS DE CEARÁ

ANTI-RACIST PRIMER: A PEDAGOGICAL TOOL FOR DEVELOPING AN
ANTI-RACIST EDUCATION IN SCHOOLS IN CEARÁ

Raquel de Abreu Marques¹

<http://lattes.cnpq.br/0742015766667489>

<https://orcid.org/0009-0001-1949-9927>

Isaurora Cláudia Martins de Freitas²

<http://lattes.cnpq.br/3717727283873872>

<https://orcid.org/0000-0001-7185-2057>

RESUMO: O artigo relata a experiência de construção e aplicação de uma intervenção pedagógica intitulada Cartilha Antirracista em escolas públicas do Ceará, visando problematizar o racismo e incentivar o desenvolvimento da educação para as relações étnico-raciais no ambiente escolar. A ação, que vem sendo desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), incluiu a criação de um material didático e a realização de oficinas que levaram os alunos à reflexão através de estudos e atividades lúdicas, buscando estimular a criticidade e promover o letramento racial. A experiência junto aos estudantes foi positiva e fez ver a importância do uso de metodologias ativas como forma de despertar o interesse dos jovens em relação às temáticas e conteúdos a serem trabalhados, bem como a participação deles no processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, percebemos que falta maior apoio das escolas a iniciativas dessa natureza.

Palavras-Chave: Cartilha antirracista; Educação antirracista; Material Didático; Escola.

¹ Mestranda do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional/ ProfSocio, na afiliada Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Email: raqueldabreu00@gmail.com.

² Docente do curso de Ciências Sociais e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional/ ProfSocio, na afiliada Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Email: isaurora68@gmail.com.

RESUMEN: El artículo relata la experiencia de construcción y aplicación de una intervención pedagógica titulada Cartilla Antirracista en escuelas públicas de Ceará, con el objetivo de problematizar el racismo y estimular el desarrollo de la educación para las relaciones étnico- raciales en el ambiente escolar. La acción, el cual se ha desarrollado en el ámbito de la Maestría Profesional en Sociología en Red Nacional (PROFSOCIO), incluyó la creación de material didáctico y talleres que llevaron a los alumnos a reflexionar a través de estudios y actividades lúdicas, buscando estimular la criticidad y promover la alfabetización racial. La experiencia con los alumnos fue positiva y mostró la importancia de utilizar metodologías activas como forma de despertar el interés de los jóvenes por los temas y contenidos a trabajar, así como su participación en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Por otro lado, constatamos que falta un mayor apoyo de las escuelas a iniciativas de esta naturaleza.

Palabras-Clave: Cartilla antirracista; Educación antirracista; Materiales didácticos; Escuela.

ABSTRACT: This article reports on the experience of developing and implementing a pedagogical intervention called the Anti-Racist Primer in public schools in Ceará, aiming to problematize racism and encourage the development of education for ethnic-racial relations in the school environment. The action, which has been developed within the scope of the Professional Master's of Sociology in a National Network (PROFSOCIO), included the creation of teaching materials and workshops that led students to reflect through studies and recreational activities, seeking to stimulate critical thinking and promote racial literacy. The experience with the students was positive and showed the importance of using active methodologies as a way to awaken young people's interest in the themes and content to be worked on, as well as their participation in the teaching-learning process. On the other hand, we have noticed that there is a lack of greater support from schools for initiatives of this nature.

Keywords: Anti-racist primer; Anti-racist education; Teaching material; School.

INTRODUÇÃO

O presente texto, construído como relato de experiência, tem como escopo as experiências vividas a partir de uma intervenção pedagógica realizada através da elaboração de um material didático denominado Cartilha Antirracista e sua posterior utilização em oficinas de estudo na Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Flávio Rodrigues, situada no município de Croatá, Ceará. Intervenção esta que também foi reproduzida em duas

escolas de Ensino Fundamental, sendo uma em Croatá e outra em Ipueiras, município situado a 48 Km de Croatá³.

De acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), um relato de experiência (RE) é um tipo de escrita que permite a “apresentação crítica de práticas e/ou intervenções científicas e/ou profissionais”, partindo do pressuposto de que “a experiência é o ponto de partida para a aprendizagem” (Mussi, Flores e Almeida, 2021, p. 1). Nesse sentido, o que trazemos aqui é um esforço de apresentar como se deu a construção de uma experiência pedagógica, analisando criticamente seus resultados a fim de mostrar as reflexões e aprendizados dela advindos.

O projeto surgiu do desejo de propor uma reflexão mais aprofundada acerca das questões raciais, partindo do contexto nacional, mas também, problematizando o cotidiano escolar, abordando as raízes históricas do racismo e demonstrando o quanto os problemas provenientes da desigualdade racial estão presentes no nosso dia a dia e afetam os indivíduos de inúmeras formas, inclusive no ambiente escolar. Ao mesmo tempo, buscou reforçar a importância da conscientização e da ação coletiva na busca de soluções para melhorar as relações étnico-raciais no ambiente escolar e fora dele.

A opção por elaborar um material didático próprio é justificada pelo desejo de realizar um trabalho direcionado àquele público escolar específico. Dessa forma, foi possível realizar uma intervenção mais particularizada, considerando a realidade observada naquele contexto. Situações como prática de racismo recreativo, falta de interesse ou banalização do tema e dificuldade de autorreconhecimento por parte de muitos jovens negros que não se reconhecem como tal são alguns exemplos de problemas comumente enfrentados no dia a dia da escola. Observou-se também a ausência de uma abordagem mais aprofundada desses temas nos materiais didáticos oficiais utilizados nas aulas. Mesmo os livros didáticos da área de Ciências Humanas abordam a questão de forma superficial, o que nos estimulou a produzir algo concreto que pudesse servir como suporte para alunos e professores das mais diversas áreas, por acreditarmos que a promoção de uma educação antirracista deve ser um compromisso de todos e não apenas dos professores que atuam em áreas como Sociologia e História.

Como objetivos educacionais pretendidos pela ação podemos destacar: 1) promover a reflexão crítica por parte dos alunos a respeito das questões raciais que afetam a sociedade

³ O trabalho foi desenvolvido por Raquel Marques no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) sob a orientação de Isaurora de Freitas.

brasileira. 2) Desnaturalizar o olhar dos estudantes para o seu cotidiano, refletindo o quanto eles estão inseridos dentro de um ambiente racista. 3) Contribuir para o letramento racial dos jovens das escolas.

Na primeira parte do texto, trazemos uma discussão teórica sobre racismo, colonialismo e educação antirracista. A segunda parte relata o processo de construção e aplicação da intervenção pedagógica e da feitura do material didático. A terceira parte traz a análise dos resultados da aplicação da intervenção em três escolas do Ceará, destacando os aprendizados advindos da experiência.

APONTAMENTOS TEÓRICOS PARA PENSAR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Acreditamos que o principal papel da educação básica é preparar os jovens para a vida em sociedade, tornando-os sujeitos éticos, tolerantes, solidários e respeitosos com o próximo. Sendo assim, é fundamental que aprendam a enxergar o ambiente à sua volta e consigam problematizar a realidade na qual estão inseridos. Nesse sentido, corroboramos com a ideia de Freire (2014) a respeito do papel da educação como possibilidade de emancipar as classes oprimidas, além de destacarmos a importância da escola na formação cidadã das juventudes. Assim como Covre (2002), enxergamos a cidadania como um exercício contínuo que advém da consciência do seu lugar e do seu papel na sociedade.

Os estudantes brasileiros estão inseridos em um contexto educacional dominado pelo pensamento eurocêntrico, onde o que predomina, ainda que de forma velada, é a ideia da hierarquia racial que coloca o que não é de origem europeia como inferior e, portanto, passível de ser desvalorizado. Uma realidade que precisa ser problematizada e modificada para que possamos construir um ambiente social mais justo e igualitário.

Referido modelo de educação é resultado daquilo que Gomes e Soares (2024) se referem como colonialidade do saber. Ou seja, uma forma de ensino baseada na visão colonialista de que conhecimento digno de transmissão é apenas aquilo que é resultado de produções europeias. O saber colonizado, de acordo com Quijano (2005) cria uma forma eficiente de dominação, que permanece entre nós, mesmo após o fim político do colonialismo, pois foi construída com base na colonização do imaginário dos próprios dominados, através da repressão de suas diversas formas de saber e práticas culturais e a imposição dos padrões culturais do colonizador. Nessa perspectiva, o mesmo autor afirma que o racismo é a

manifestação mais perceptível e onipresente da colonialidade do poder. (Quijano, 2000, p. 193)

No contexto social brasileiro, o passado colonial e escravista, segundo Gonzalez (2020), deixou como marca o racismo e o sexismo que subalternizam negros e, em especial, negras. Para a autora, o racismo produz uma naturalização da inferioridade de negros e negras pela imposição de lugares sociais a eles destinados: a mulata, a doméstica, o malandro, o ladrão, dentre outros estereótipos comumente associados aos descendentes de africanos cuja domesticação atravessa suas existências. Como “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (p.76), o racismo ao mesmo tempo que oculta, revela as marcas da africanidade na cultura brasileira (Gonzalez, 2020, p. 78)

O continente africano, comprovadamente berço da humanidade e fonte de inúmeras técnicas utilizadas por muitos outros povos ao redor do planeta, teve sua história e sua importância ocultadas em virtude do estabelecimento da hierarquização das raças. Como consequência, observamos, até os dias atuais, um desconhecimento e até mesmo desinteresse a respeito da história africana, bem como da influência dos negros na construção da cultura brasileira.

Neste sentido, Woodson (2021) fala da dificuldade em se desenvolver um conhecimento aprofundado a respeito da história e da importância da população negra em um ambiente escolar que não os reconhece como sujeitos dignos de importância. Essa realidade também torna muito difícil fortalecer, nos jovens, o sentimento de identificação e o desenvolvimento de identidades negras individuais e coletivas que os leve a despertar para a valorização de seu povo e para aquilo que Biko (2024) define como Consciência Negra.

Refletindo sobre os desafios do tornar-se negro no Brasil, Souza (2021, p. 46) afirma que, por terem sido alienados de seus valores originais, os negros brasileiros construíram uma visão negativa de si mesmos e tomaram o branco como modelo identitário a ser seguido em seus processos de ascensão social. Nesse sentido, a autora aponta a importância de os negros resgatarem sua história e recriarem-se em suas potencialidades. Acrescentamos que a escola pode ser um lugar importante nesse processo.

Gomes (2004) em um artigo construído a partir de entrevistas com estudantes negros, moradores da periferia de uma metrópole brasileira, traz relatos de situações de discriminação e falta de sensibilidade enfrentadas por esses estudantes no cotidiano escolar. São episódios de violência verbal, claras manifestações de racismo por parte dos colegas e uma explícita falta

de sensibilidade da parte da instituição que não age para punir esses atos ou para conscientizar seu público, impedindo que eles continuem a acontecer.

Infelizmente, somos conscientes de que esse tipo de situação não é enfrentado apenas por estudantes de grandes cidades brasileiras ou por aqueles que moram em periferias. O ambiente escolar é, tradicionalmente, um local de reprodução de desigualdades e de forte perpetuação do racismo. Nesse sentido, Oliveira, Pedroza e Pulino (2023) afirmam que:

Diante de uma sociedade racista, é possível pensar na escola como uma instituição que pode favorecer, em alguma medida, formas de transmissão sutis e consolidadas de diversos tipos de discriminação, dentre as quais a difusão de representações pejorativas sobre a negritude (Oliveira, Pedroza e Pulino, 2023, p.4).

Acreditamos que se a escola, através do currículo, das práticas pedagógicas e das relações que se estabelecem em seu interior é capaz de reforçar o racismo, ela também é capaz de desconstruí-lo e contribuir com a construção de uma sociedade antirracista, o que só é possível se assumir o compromisso de forjar nos educandos o respeito às diferenças, a tolerância, a solidariedade, o reconhecimento e a valorização de suas identidades.

A escola onde foi realizado o projeto que deu origem a este artigo, está situada em uma pequena cidade do interior do Ceará. A Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Flávio Rodrigues possui 618 alunos matriculados no Ensino Médio e 23 na Educação Especial. É uma das duas escolas de ensino médio do município de Croatá, situado na Serra da Ibiapaba, com população de 17 481 habitantes, segundo o Censo 2022 do IBGE. Apesar da localização e do pequeno porte da Instituição, diversas práticas racistas também podem ali ser observadas diariamente. Um fato que merece registro na apresentação do município é que ele possui uma comunidade reconhecida como quilombola. A comunidade, denominada de Três Irmãos, pertence à zona rural do município e nela situa-se a Escola Quilombola Luzia Maria da Conceição, que atende 78 alunos do Ensino Médio da própria comunidade e de localidades vizinhas. A existência da referida comunidade, no entanto, não contribui para que haja no município uma valorização da herança africana na região e nem um debate aprofundado sobre o racismo dentro e fora das escolas.

O que os estudantes merecem, independente da cidade ou do bairro onde moram, é uma escola que exerça sua função de educar em todos os sentidos, além de também lhes oferecer um ambiente acolhedor e significativo, onde seja oferecida uma formação multiculturalista, que lhes traga conhecimentos a respeito de todos os povos que contribuíram para a construção do nosso país, além de lhes permitir uma formação cidadã baseada no empoderamento e que preze pelo respeito à diversidade.

Estudantes negros que não encontram na escola um ambiente acolhedor e de valorização de seu povo e de suas características dificilmente conseguirão desenvolver sua autoestima ou acreditar que possam estabelecer um projeto de futuro otimista para si. Dentro dessa discussão, Gomes (2005) lembra a importância da construção de identidades negras positivas a partir da escola, reforçando o valor da educação para a formação social dos estudantes.

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circula, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como as outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma (Gomes, 2005, p. 45).

A partir dessa perspectiva, reconhecemos os avanços dos últimos anos em relação ao desenvolvimento da educação para as relações étnico-raciais, sobretudo após a promulgação da Lei 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica. Ainda assim, estamos longe do cenário ideal. Para que os alunos se tornem cidadãos conscientes, eles precisam ser incentivados por professores com o mesmo perfil. É necessário, portanto, que haja uma verdadeira institucionalização das ações pedagógicas antirracistas que, atualmente, ainda estão muito restritas a trabalhos individualmente desenvolvidos por professores que reconhecem a relevância do tema. Os educadores necessitam de suporte metodológico, que pode ser oferecido através de formações continuadas, por exemplo, além de materiais didáticos que auxiliem no desenvolvimento de uma educação antirracista bem embasada.

Os projetos governamentais fomentados nos últimos vinte anos são significativos, pois demonstram o reconhecimento da relevância do tema. No entanto, é necessário que se tenha muito cuidado para que a educação para as relações étnico-raciais não se torne apenas um tema transversal abordado em datas específicas por obrigação curricular. Para isso, é necessário que se faça um trabalho contínuo de conscientização geral, começando pelos gestores de secretarias de educação, núcleo gestor das escolas, passando por todos os professores e funcionários até chegar aos alunos. Questões complexas como racismo ou intolerância religiosa não podem ser abordadas superficialmente e, muito menos, devem ser preocupação de um ou outro profissional que faça essa abordagem por obrigação ou inclinação pessoal. A educação antirracista é um projeto coletivo e dever de todos.

Gomes e Soares (2024) chamam a atenção para um grande erro, infelizmente, ainda muito comum na educação brasileira que é a confusão entre valorização da herança africana com a simples “celebração” da diversidade. Um erro que pode ser encarado como resultado da falta de conhecimento e da ausência de aprofundamento no tema. Ao se limitar a isso, a educação pode resultar em uma abordagem superficial acerca da questão racial no Brasil que, ao invés de ajudar na superação do problema das desigualdades raciais, pode agravá-lo ainda mais. Somos um país diverso, isso é fato, porém, tal característica deve ser, antes de tudo, problematizada em sala de aula, lançando questionamentos a respeito de como essa diversidade brasileira se estabeleceu, sob quais aspectos e a partir de quais interesses.

Continuando a reflexão sobre a ação pedagógica, Gasparin (2012) reforça a necessidade de envolver o aluno no processo de produção do conhecimento, fazendo-o desenvolver um olhar crítico frente à sociedade a partir de uma educação que ultrapasse os muros da escola e passe a considerar todo o contexto social no qual esses sujeitos estão inseridos. Embora não trabalhe com o conceito, a reflexão do autor está em consonância com a perspectiva das metodologias ativas, ou seja, aquelas estratégias de ensino que trazem os estudantes para o centro do processo de ensino-aprendizagem, tornando-os participantes efetivos e ativos na construção do conhecimento de forma flexível, interligada e híbrida (Moran, 2018, p. 41). Nessa perspectiva, a estratégia de elaboração de um material didático direcionado à reflexão sobre o racismo no Brasil e sua aplicação em colaboração com os alunos, se fez consonante com os problemas identificados em suas realidades e com os objetivos propostos pelo projeto que ora expomos aqui.

CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DA CARTILHA ANTIRRACISTA

Procedimentos

A metodologia deste projeto foi estruturada em três etapas principais, executadas no contexto de uma escola pública estadual de ensino médio integral. Na primeira fase, uma pesquisa bibliográfica foi realizada com foco em obras relevantes sobre educação antirracista, como o *Pequeno Manual Antirracista* de Djamilia Ribeiro (2019). Com base no suporte teórico obtido, definiram-se os temas centrais da cartilha, priorizando tópicos como a origem

e conceituação do racismo, injúria racial, intolerância religiosa, sincretismo religioso brasileiro e religiões de matriz africana.

Foto 1: Cartilha Antirracista. Material pronto e impresso. Foto 2: Sumário da Cartilha.



Fonte: Autoras, 2023-2024.

Na segunda etapa, houve o envolvimento inicial de três alunos, que não participaram diretamente na produção da cartilha, mas foram selecionados para colaborar na aplicação do material. Oficinas expositivas foram conduzidas pela professora e pelos alunos em turmas selecionadas da própria escola e em duas escolas de ensino fundamental situadas nos municípios de Croatá e Ipueiras. Durante as oficinas, o conteúdo da cartilha foi apresentado com foco em promover o letramento racial, ou seja, levar os jovens a se perceberem como sujeitos racializados numa sociedade racista que produz privilegiados e marginalizados, já que letrar-se racialmente significa desenvolver uma habilidade prática que permita aos indivíduos constatar a existência do racismo e examinar seus efeitos sobre suas experiências e representações (Pereira, 2022, p. 03).

Foto 3: Estudo da Cartilha por alunos do 1º ano do Ensino Médio



Fonte: Autoras, 2023-2024.

Além das exposições teóricas proporcionadas pela cartilha, foram realizadas atividades lúdicas como um jogo da memória, relacionando orixás com santos católicos, para enriquecer a experiência educacional a partir da discussão sobre sincretismo e racismo religioso, prática intencional, voluntária, deliberada e consciente que ofende mediante o discurso racista e promove a exclusão, a intolerância, a extinção e a discriminação dos membros de determinadas comunidades religiosas (Costa Neto, 2023)

Ao relacionar os orixás das religiões de matriz africana com os santos do catolicismo trazido para o Brasil pelos portugueses, o jogo da memória permite explicar aos jovens que o sincretismo religioso foi uma estratégia utilizada pelos africanos escravizados para burlar a proibição de praticarem seus cultos e crenças em solo brasileiro.

Foto 4: Jogo da memória do sincretismo religioso - Atividade lúdica utilizada para reforçar o conhecimento.



Fonte: Autoras, 2023-2024.

A terceira etapa da intervenção consistiu na participação dos estudantes na fase regional do evento Ceará Científico 2023, evento anual, criado em 2007 pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará com o propósito de “popularizar as ciências e promover o desenvolvimento de tecnologias, estimulando a investigação, a inovação e a busca de conhecimentos de forma cotidiana e integrada com toda a comunidade escolar⁴”. Neste evento, os alunos apresentaram o projeto, relatando as ações e resultados a professores e estudantes de toda a região, o que proporcionou um espaço de diálogo e valorização do conhecimento produzido. Essa exposição ajudou a consolidar o aprendizado, além de desenvolver o protagonismo estudantil.

PARTICIPANTES

A ação teve como público-alvo os estudantes que podem ser divididos em dois grupos: 1) os convidados a auxiliar a professora. Nesse caso, foram selecionados três estudantes que, à época, frequentavam a eletiva de Memória e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Destacando aqui que a opção de ofertar tal disciplina já foi uma iniciativa particular da professora, considerando a necessidade de aprofundar os estudos nesse tema. 2) os alunos das turmas que receberam a oficina expositiva da cartilha. Tais turmas foram escolhidas de forma aleatória, considerando a disponibilidade de horário da professora, em consonância com os demais colegas professores.

⁴ Ver em: <https://www.seduc.ce.gov.br/ceara-cientifico/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

No total, o público de todas as oficinas corresponde a pouco mais de 100 alunos pertencentes às turmas escolhidas para participar das oficinas de estudo da Cartilha nas seguintes escolas: Escola Estadual de Ensino Médio Integral Flávio Rodrigues, em Croatá, Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Timóteo, de Croatá e Escola Municipal de Ensino Fundamental Mariano Pinho de Oliveira, de Ipueiras, todas localizadas na região norte do Ceará. Vale ressaltar que entre os estudantes existia uma importante variedade étnico-cultural, contemplando diferentes origens e religiões, fator que, muitas vezes, é negligenciado no dia a dia escolar, mas que deve ser posto como prioridade ao planejarmos nossas aulas ou pensarmos em desenvolver qualquer tipo de intervenção pedagógica.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa tem como foco uma abordagem qualitativa a respeito dos caminhos percorridos por quem deseja pôr em prática uma educação antirracista. A principal fonte de observação é a experiência pessoal a partir do desenvolvimento de uma ação pedagógica amparada por um referencial teórico.

Dito isto, podemos destacar que o nível de envolvimento dos alunos e de toda a escola em ações dessa natureza nos fornece pistas importantes para embasar a discussão a respeito da necessidade de fortalecer a implementação de ações afirmativas que busquem estimular o combate ao preconceito e desenvolver as relações étnico-raciais no ambiente escolar.

Enaltecer, explicar e promover a prática da cultura africana e afro-brasileira, promover o conhecimento sobre a África do passado e do presente, elucidar o que é e qual a importância das comunidades remanescentes quilombolas e incentivar o debate acerca das políticas públicas voltadas para as questões raciais são formas de promover a educação para as relações étnico-raciais de uma forma que abandone a simples prática de constatação do racismo e suas consequências nefastas e passe a promover um conhecimento que fortaleça a identificação e a valorização do povo negro.

No que se refere à recepção do projeto na escola, destacamos que foi bem recebido pela gestão escolar. Entretanto, seu apoio ficou restrito apenas às questões como impressão das cartilhas e liberação dos alunos para participar das oficinas. Não sendo observado nenhum interesse em expandir os estudos para todas as turmas ou tornar o material parte do acervo da biblioteca, por exemplo. Isso deixa claro que um dos maiores obstáculos às práticas educacionais antirracistas está na falta de conscientização dos próprios profissionais da

educação, a começar por aqueles que compõem as gestões escolares. A ideia de um esforço coletivo é fundamental para que a escola promova uma educação verdadeiramente democrática e antirracista.

Em relação aos alunos, foi possível observar uma curiosidade a respeito do material e uma abertura para o contato com os novos conhecimentos. Independente de se identificarem como pessoas negras ou não, boa parte dos estudantes demonstrou interesse e sensibilidade a respeito dos temas abordados. No entanto, sabemos que é necessário muito mais do que um único contato, em uma aula específica, para que as práticas racistas comecem a ser modificadas no cotidiano escolar e, portanto, consideramos que seria de extrema importância que a Cartilha Antirracista e outros materiais voltados para o tema continuassem a ser utilizados pelo máximo de professores possíveis, nas mais diversas atividades pedagógicas, para que a prática antirracista passasse a ser incorporada ao dia a dia da escola, como parte de sua cultura educacional.

No momento das oficinas, a participação tendia a evoluir à medida que os temas eram abordados. Sendo maior, especialmente, quando os assuntos relacionados às religiões de matriz africana e às expressões racistas utilizadas no dia a dia eram abordados, o que demonstra que produzir um material pensado a partir das necessidades daquele público foi uma boa decisão. Sobre esse ponto, merece destaque o fato de um dos estudantes que faziam parte da equipe de aplicação da Cartilha ser praticante da Umbanda e a estratégia de apresentação utilizada ser sempre uma explanação leve e desmistificada a respeito do tema feita pela professora e pelos alunos.

A abordagem sobre as religiões de matriz africana merece especial destaque nessa análise. A escolha por esse tema foi especialmente pensada a partir do conhecimento prévio da existência de alguns centros de Umbanda na região e pela presença de muitos alunos adeptos dessa religião em todas as escolas visitadas. Na escola de origem do projeto, por exemplo, é muito comum ouvirmos comentários preconceituosos, expressões pejorativas e percebermos certos termos relacionados às religiões de matriz africana. Durante as oficinas, quando esse tema era abordado, invariavelmente, a turma começava tímida, alguns demonstravam certo medo, percebíamos algumas trocas de olhares e aqueles que são adeptos da Umbanda permaneciam tímidos e retraídos. À medida que começávamos a falar de forma positiva sobre essas religiões, especialmente quando um dos alunos se identificava como umbandista de forma orgulhosa, começávamos a perceber a alteração de comportamento. Em diversos casos, foi possível perceber uma mudança significativa nesse comportamento ao

final da oficina, especialmente entre os estudantes umbandistas que começavam a se sentir à vontade para falar a respeito de sua religião com os demais colegas.

Os fatos observados corroboram com a visão de Pinheiro (2023) de que é fundamental que os educadores atentem para a necessidade de tornar a educação para as relações étnico-raciais parte do cotidiano da educação básica brasileira. O reconhecimento da importância da discussão de questões raciais é fundamental para que se consiga construir uma escola verdadeiramente cidadã, onde todos os estudantes possam se sentir acolhidos e representados, e é imprescindível que cada um dos sujeitos que compõem o corpo escolar seja sensibilizado para esse fim.

Observando a participação dos alunos envolvidos ativamente do projeto como parte da equipe realizadora das oficinas, foi possível observar uma grande evolução no que se refere ao senso de responsabilidade, à sensibilização a respeito dos temas estudados e, principalmente, o desenvolvimento do protagonismo. Solicitados a falarem sobre a experiência, deram os seguintes depoimentos⁵.

Quando o projeto aconteceu, eu estava no primeiro ano do ensino médio. Foi minha primeira experiência com projetos, e foi muito marcante para mim, pois adquiri muitos conhecimentos e ainda tive o prazer de ser escolhida pela professora Raquel para participar. Em especial, o projeto me ajudou a entender melhor a importância das relações étnico-raciais, refletindo sobre como elas estão presentes no nosso dia a dia e como podemos contribuir para uma convivência mais respeitosa e inclusiva. Agradeço muito por essa oportunidade de aprendizado tão significativa! (Maira Thayla)

O projeto da cartilha antirracista foi, desde o início, um projeto de grandes aprendizados. Aprender sobre a cultura dos nossos ancestrais para com isso repassar nosso conhecimento em forma de cartilha para todas as pessoas possíveis, foi um grande processo de evolução. Onde primeiro percebemos o racismo e a intolerância religiosa em nós mesmos (que participamos do projeto), seja ele em pequenas falas ou expressões. Para depois tentarmos eliminar esse pensamento enraizado na mente das demais pessoas (Ana Maria Kelly).

As duas jovens eram, à época, estudantes do primeiro ano do Ensino Médio e a possibilidade de estar à frente de uma sala de aula falando para outros jovens e a participação no Ceará Científico Regional, foram excelentes oportunidades de crescimento que, nas palavras delas próprias, foram de grande importância para o seu amadurecimento e letramento racial, além de prepará-las para experiências futuras.

Considerando o envolvimento dos estudantes, tanto os que ajudaram a conduzir as oficinas quanto os que receberam o material, é possível avaliar que o objetivo inicial de despertar o senso crítico e promover um olhar de estranhamento frente às suas realidades

⁵ Os depoimentos aqui reproduzidos foram enviados pelos jovens via *WhatsApp*.

obteve êxito. Porém, sabemos que a consciência crítica e a prática da cidadania dependem de um exercício contínuo e, por essa razão, não podemos estabelecer que o trabalho esteja concluído.

A realização do projeto e sua análise subsequente deixam evidente que ainda existem muitos pontos a melhorar. Com relação aos profissionais, é preciso que haja muito mais reconhecimento da necessidade de se discutir as questões raciais, promovendo ações que sejam abraçadas por todos. Da parte dos alunos, é perceptível que existe o interesse, porém, ainda existem muitos tabus que precisam ser quebrados, situações que necessitam ser desnaturalizadas e identidades que devem ser reforçadas e potencializadas. Não se pode dizer que os problemas relacionados ao racismo no ambiente escolar, identificados no início do projeto, foram superados. Mas, qualitativamente, observamos um avanço positivo no comportamento e na conscientização dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o projeto Cartilha Antirracista, cujo relato trouxemos neste escrito, demonstrou a importância de ações educacionais que promovam a consciência sobre o racismo e fortaleçam as identidades étnico-raciais no ambiente escolar. A iniciativa gerou reflexões críticas e incentivou o letramento racial e o protagonismo entre os alunos, mas enfrentou desafios como a falta de apoio institucional e tabus culturais, indicando a necessidade de um compromisso maior das escolas com a educação antirracista. O interesse dos estudantes reforça a relevância de expandir e aprimorar essas práticas, motivando a continuidade e o aperfeiçoamento do projeto, o que vem sendo feito atualmente no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO).

Guimarães Rosa afirma que “mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”, nesse sentido, consideramos importante ressaltar que, do ponto de vista da prática pedagógica, os aprendizados advindos da intervenção com a Cartilha Antirracista foram muitos. Dentre eles, destacamos a importância de o professor confiar no potencial dos jovens, incentivando-os a criar novas possibilidades e ferramentas de aprendizagem que conduzam à autonomia do pensar tão defendida por Paulo Freire. No que refere ao objetivo central do projeto, o maior aprendizado foi o de que uma educação antirracista não se constrói apenas com o esforço de um professor. É preciso uma comunidade escolar inteira atuando cotidianamente para operar a mudança nas formas culturalmente enraizadas de pensar a

divisão entre as raças e suas consequências sociais. No entanto, é preciso começar, pois, como diz a canção: “Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar⁶”.

REFERÊNCIAS

BIKO, Bantu Steve. A definição da Consciência Negra. **Núcleo de Estudantes Negras “Ubuntu”**. Universidade do Estado da Bahia–UNEB, 1971.

COSTA NETO, Antonio Gomes da. Racismo religioso: diálogos de um conceito. In: **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**. São José dos Pinhais, v.16, n.7, p. 5323-5342, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/835#:~:text=O%20racismo%20religioso%20%C3%A9%20a,ofender%20mediante%20o%20discurso%20racista>. Acesso em: 19 de dez. de 2024.

CROVE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. Pedagogia histórico crítica: da teoria à prática no contexto escolar. **Dia a dia Educação, Paraná**, v. 2, p. 2289-8, 2014. Disponível em: <http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>. Acesso em 15 jun. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SECAD. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, Thais Bonato; SOARES, Francisco Muenzer. Os usos do conceito de branquitude para uma educação antirracista no Brasil. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 17, n. 1, p. 149–166, mar. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, intervenções e diálogos**. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MORAN, José. Metodologias Ativas para uma Aprendizagem Mais Profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

⁶ Trecho da canção “Um Passeio no Mundo Livre”, composta por Chico Science, Dengue, Gira, Jorge Du Peixe, Lúcio Maia e Pupillo e gravada por Chico Science e Nação Zumbi no disco “Afrociberdelia” (Chaos/Sony Music, 1996).

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a Elaboração de Relato de Experiência como Conhecimento Científico. In: **Revista Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n48/2178-2679-apraxis-17-48-60.pdf> Acesso em 18 de dez. 2024.

OLIVEIRA, Nathália Pereira de; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Escrivivências: possibilidades para uma educação antirracista. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 28 e280101, 2023. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yZbrhPW3VtLpbhv5jGNvjwb/?lang=pt> . Acesso em 19 de dez. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**: Para familiares e professores. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PEREIRA, Daiane da Fonseca. Letramento Racial no Contexto Brasileiro de Pesquisa. In: **XII COPENE : Discurso, Raça e a luta na linguagem pela democracia**, 2022. Disponível em: <https://abpn.org.br/anais-copene/> Acesso em: 20 de dez. 2024.

QUIJANO, Aníbal. ¿Qué tal raza!. **Revista del CESLA. International Latin American Studies Review**, n. 1, p. 192-200, 2000. Disponível em: <https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/379>. Acesso em: 12 de out. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LADNER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO, p.117-138, set. 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 12 de out. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

UCHOA, Márcia Maria Rodrigues; CHAVES, Carlos Alberto Paraguassú; PEREIRA, Carlos Eugênio. CURRÍCULO E CULTURAS: a Educação Antirracista como direito humano. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. especial, p. 61-72, out. 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052021000500061&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 19 de jun. 2024.

WOODSON, Carter G. **A (des)educação do negro**. Tradução de Naia Veneranda. São Paulo: Edipro, 2021.